

# Visão Mística

Ao prezado amigo Gedelty Gueiros.

Na tarde de 19 de Abril de 1950, depois de passar o dia em Recife, resolvendo negócios, fui até Olinda dar um passeio, para alegrar os olhos com um majestoso cenário e satisfazer a curiosidade de rever certos lugares que eu conhecera na meninice.

Subi o áspero declive de uma rua empedrada que, por linhas quebradas, nos conduz ao átrio da Catedral, edificada no tópo da colina do Marim. A fresca brisa da tarde e o sol ameno das 17 horas aliviaram consideravelmente a fadiga subida e cheguei ao cimo em excelentes condições físicas.

Procurei nas imediações um bom observatório e, junto ao muro de uma velha casa colonial, encontrei o que procurava. A tradição tem razão em atribuir a Duarte Coelho a célebre frase que batizou a cidade de Olinda que, no espaço de 30 anos, datando da época em que eu a vi, não apresentava nenhuma modificação notável.

Mas para quem contempla a bela capital pernambucana, não pode deixar de soltar uma exclamação de surpresa e admiração. Lá estava o movimentado pórtico, cheio de navios, atestando uma grandiosa atividade comercial; as pontes; as graciosas curvas do rio Capiberebe; os vultos esguios dos arranha-céus, destacando-se na silhueta massiça dos sobrados coloniais, muitos dos quais datam da ocupação flamenga; e os bairros, consideravelmente acrescidos de um casario de telhados novos, mostram uma grande cidade que cresce e se renova, sendo um soberbo baluarte de civilização e um centro econômico em grande prosperidade.

As chaminés das fábricas modificaram a paisagem rural dos dias de minha meninice, embora o surpreendente progresso conservasse, no trono, a cana de açúcar.

Depois surgiram as recordações históricas. Frente ao meu observatório estava o morro do Arraial — famoso local da resistência de Matias de Albuquerque; na direção de Dois Irmãos — Casa Forte, onde os insurretos obtiveram outro sucesso, após a vitória do Monte das Taboas; para os lados da Várzea — o novo Arraial do Bom Jesus; próximo ao ístmo de Olinda, a fortaleza de São Jorge, onde 80 soldados lusitanos resistiram, durante 15 dias, aos ataques de 4 mil holandeses; e finalmente, para o sul, nós a baixada da Iburá, onde está o Campo de Aviação, avista-se, sobre uma alongada colina, a Igreja dos Prazeres, assinalando o local das duas batalhas dos Guararapes.

“É o país mais belo do mundo!”, exclamou, perto de mim algum visitante inesperado.

— Voltei-me bruscamente e tive uma enorme surpresa ao contemplar um homem alto, cheio de corpo, ombros largos e com os traços característicos de um guerreiro nórdico do século XVII. Tinha as feições regulares, rosto avermelhado, bigodes e barba cuidadosamente aparados, olhos azuis, cheios de energia e inteligência, e fartas mechas de cabelos louros saíam debaixo de um chapéu de feltro emplumado.

Usava um gibão justo de setim preto, gola de rendas e tendo no peito um pequeno escudo com as armas das Províncias Unidas, banda de seda com as cores nacionais flamengas; calções amplos também de setim preto e botas altas e goleadas.

Trazia um rico bastão de Tenente-General com ponteiros de ouro, presente do Marquez de Montalvão ao insigne conquistador.

E disse eu, disfarçando mal o espanto: “É muita honra, para mim, conhecer João Maurício de Nassau, Conde de Sieven e ilustre membro da Casa de Orange.”

“É bom fisionomista. Mas como me reconheceu?”

“Porque Vossa Alteza parece uma figura saída de um quadro de Van der Helts.”

“V. é descendente de holandeses?”

“Não sei, Alteza. Mas desconfio que os meus cabelos alourados talvez justifiquem algum sangue holandês, que circula nas veias de muitos nordestinos.”

“É contrário à colonização holandesa no Brasil?”

“Muito. Começa que acarretaria mutilação do Brasil e Deus, tornando-se brasileiro a partir do século XVII, evitou esse grande mal. A Holanda é um país rural e fez uma colonização urbana. E o Brasil-Holandês foi influenciado por duas forças diferentes e totalmente separadas.

A guerra holandesa, sem os episódios épicos que tanto nos orgulham, é também a história de uma gigantesca luta entre um grande homem e uma empresa de homens gananciosos. De um lado, o esforço admirável de um estadista genial e de um humanista consumado, procurando implantar, em um pedaço da terra americana, a civilização flamenga, a sua cultura, o regime de liberdade e de tolerância religiosa; e do outro, um grupo de argentários que apenas viam a conquista como uma fonte de rendas fabulosas. E tudo que não representasse florins e saldos comerciais não lhes interessava.

E quando Vossa Alteza desistiu de realizar uma tarefa impossível, o domínio flamengo, no nordeste, sem raízes na terra, desmoronou-se completamente.

O Príncipe ouviu-me com imenso agrado e depois disse-me em tom confidencial:

“Meu amigo, Deus, cheio de compaixão pela gente brasileira, tem a intenção de me mandar novamente ao governo do Brasil, para concertar a administração, reparar erros políticos, implantar a justiça e melhorar as condições de vida. E desta vez não terei um Conselho dos XIX para travar os meus empreendimentos e nem judeus usurários para prejudicarem o desenvolvimento da lavoura. Serei então um criador de época na História do Novo Mundo, segundo observou Rocha Pombo.”

“Vossa Alteza ainda é o mesmo sonhador do século XVII.”

“Como? Não acredita no que eu lhe digo?”

“Alteza! Um estadista do seu valor não tem o direito de dizer tolices...”

O Príncipe franziu a testa, fitou-me com severidade e perguntou-me rangendo os dentes:

“Qual é o seu credo político?”

“Sou um democrata que não acredita em política brasileira.”

“Não gosto de alusões vagas e nem de verdades ditas por meias palavras. Gostaria que me falasse com franqueza.”

“Príncipe. O seu benemérito governo fez as primeiras eleições realizadas na América, e entretanto, vivemos a desvirtuar, cada vez mais, esse admirável sistema democrático. Os nossos partidos políticos, sem prin-

cípios e sem programas, lutam por cargos e por interesses de grupos; a nossa justiça é morosa e falha; e o governo vive dominado por grupos econômicos, cujos interesses prejudicam o progresso do país, chegando ao ponto de comprometer a dignidade nacional.

Falta-nos uma elite dirigente, a principal característica de uma moderna nação democrática e a administração sofre as influências de todos os maus políticos, pelo sucessivo aumento de pessoal, o que devora enormes somas do orçamento implantando o reinado da burocracia e da ineficiência dos serviços. E vivemos a praticar o crime de esquecer o Brasil de amanhã, por alimentar ambições e interesses de um eterno presente.”

“E não há exemplos de nobreza de caráter, probidade, honradez e cumprimento de deveres?”

“Para regalo do nosso entusiasmo, há muitos casos dessa natureza. Sucede, porém, que todo governo que faz administração, deixando de atender aos interesses dos grupos e que trabalha para servir a coletividade, colocando-se acima dos partidos, é imediatamente anulado pelo meio e colocado na lista negra dos esquecidos.

A vinda de Maurício de Nassau para o governo do Brasil seria recebida com entusiasmo delirante por muitos brasileiros dignos, mas a massa do eleitorado sem-consciente, manejada pelos políticos sem escrúpulos, não lhe dará nunca a Presidência da República. E a decepção de Vossa Alteza será então maior e muito mais amargurada que quando partiu para Pernambuco, à frente de um grupo de artistas e homens de Ciência.

Convém repetir: não temos educação cívica e nem disciplina política, de forma que a piedade do Senhor dos Mundos não encontra clima, no Brasil, para ajudar o nosso povo.”

“E o que me sugere? Um terremoto? Uma revolução? Ou um dilúvio?”

“Só desejo, Príncipe, que Deus nos mande almas boas, corajosas, intrépidas e nobres, que elevem a nossa mentalidade, que melhorem os costumes políticos, e que trabalhem para fazer do Brasil uma terra cristã, de fartura, de paz, de trabalho e de liberdade, e que mereça um governo como o de Maurício de Nassau.”

Maurício de Nassau ergueu o bastão, na vertical, co'a mão esquerda, descobriu-se num gesto largo, como se estivesse recebendo a continência das milícias ao som do hino “Wilhelm van Nassau.” Saudava o sol no momento em que se escondia por trás das colinas, na direção da Várzea.

Guardei silêncio e, em sinal de respeito, baixei a cabeça.

Quando a ergui o ilustre visitante havia desaparecido.

E desci a colina do Marim e uma grande alegria transbordava no meu coração.

Ten.-Cel. Murillo Teixeira Barros.  
(Do Centro Cultural Euclides da Cunha).